

O jornalismo eletrônico no Brasil e a qualidade da informação. A tecnologia, o veículo, o jornalista e a audiência¹

Por

S.Squirra

“este instrumento (a TV) pode ensinar, ele pode iluminar o caminho do homem. Sim, ele pode, inclusive, inspirar o homem. Mas ele só pode cumprir estas metas se o homem manipulá-lo nestas direções. De outra forma, ele se tornará somente ondas e luzes numa caixa”
Edward Murrow²

Resumo

Este artigo analisa o jornalismo eletrônico no Brasil e a televisão – veículo preferido na divulgação de informações e para o entretenimento da sociedade contemporânea. O texto descreve as tecnologias criadas pela evolução eletrônica, no cenário mundial, para atender demanda por melhores serviços de comunicação, e mostra que as constantes descobertas em recursos eletrônicos geram uma maior, mais intensa e eficaz cobertura jornalística dos eventos ocorridos no globo. A tecnologia na televisão representa o “meio” que torna possível a comunicação.

Palavras-chave: televisão, jornalismo eletrônico, tecnologia da comunicação.

Antecedentes

O mundo hoje está ligado eletronicamente e isto proporciona à televisão primazia na divulgação de eventos e na conquista da atenção da sociedade. O conceito de *wired world* se tornou realidade com o desenvolvimento e a miniaturização dos produtos eletrônicos. Desde seu advento, a televisão tem sido o veículo preferido na divulgação de informações e para o entretenimento da sociedade contemporânea. Ela está na grande maioria das residências e, nos dias atuais, é responsável por grande parte do comportamento humano coletivo. Daniel Boorstin afirmou que “as experiências feitas pelo homem que nós vemos

¹ Texto publicado na Revista Brasileira de ciências da Comunicação/Intercom, vol.15.no.2, p.32-44, DOI: <https://doi.org/10.1590/rbcc.v15i2.1284>, acessível em <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1284>

² Discurso de Ed Murrow para a Associação Nacional dos Diretores de Jornalismo, Rádio e TV dos EUA, em Chicago, 1958. Citado em Persico, J. *Edward Murrow An American Original*. New York, Dell Publishing, 1988, p.434

nos aparelhos de televisão tornaram-se mais reais do que as nossas experiências diárias... Nada é verdadeiramente real, a menos que “aconteça na TV”³

A televisão atua com o intuito do enriquecimento do conhecimento e na satisfação do tempo livre. Mas, na estratégia da conquista dos corações e mentes dos telespectadores, provoca também a alienação das pessoas. Por muitas razões, a televisão tem sido o veículo preferido na divulgação dos debates e na propaganda política no Brasil -que visam a preferência do eleitorado-; na veiculação de anúncios publicitários -que objetivam o consumo- e na difusão dos propósitos dos grupos econômicos e governamentais- que propõem a manutenção da hegemonia da elite diretiva do país.

Veículo tecnológico por excelência -quer seja do ponto de vista da produção ou da recepção-, a televisão só se tornou verdadeiramente abrangente com a evolução eletrônica. Os novos chips e a produção em massa provocaram o barateamento dos aparelhos de TV permitindo a um contingente maior de pessoas receber as informações transmitidas. As conquistas tecnológicas tornaram mais eficientes, compactos e baratos tanto os equipamentos para a produção profissional quanto aqueles mais simples, para a produção individual e para o lazer do cidadão comum. As fantásticas conquistas tecnológicas na área da informática têm proporcionado crescentes -e cada vez mais rápidas- condições de expansão dos diversos meios de comunicação de massa. A comunicação com o uso de aparelhos de televisão é o expoente máximo -e presente em todas as manifestações- dessa tendência.

Na moderna comunicação mundial, a era da informática proporciona que jornais sejam transmitidos diretamente de e para terminais de vídeo. Dos fornecedores dos serviços para as casas dos usuários. Um volume cada vez maior de informações faz parte do cotidiano de número significativo de cidadãos nas principais cidades desenvolvidas. O Japão atual é um exemplo disso. Lá, o reduzido número de mão de obra não especializada está incentivando a proliferação dos jornais eletrônicos que são transmitidos aos micros dos leitores através das linhas telefônicas. O jornal Nikkei tinha, em 1990, mais de 300 mil usuários do sistema, que pagavam 200 dólares em média, por mês, pelo serviço. A empresa é a maior na área e possui 528 bases, principalmente no setor econômico. O sistema inexistente no Brasil e não é possível detectar qualquer perspectiva de implantação a médio, curto ou longo prazo. " Na terra pátria a realidade é outra e a informação especializada continua disponível somente àquela classe especial de cidadãos que tem acesso ao meio tradicional, o jornal impresso.

Todavia, o crescente desenvolvimento, a diversificação e o barateamento dos produtos tecnológicos estão trazendo ao cidadão desassistido pelos meios eletrônicos normais, possibilidade de acesso e de expressão individualizada satisfazendo, senão todos, pelo menos alguns dos seus anseios de comunicação, conhecimento e convívio social. Os novos recursos eletrônicos tornaram razoavelmente populares modernos equipamentos de expressão, como é o caso das pequenas "camcorders" e dos videocassetes domésticos. É necessário ressaltar que, de outro lado, os novos equipamentos facilitaram todo o processo de comunicação e são peças fundamentais também para os conglomerados transnacionais de comunicação que se formaram neste século no mundo todo.

³ Boorstin, D. *A realidade falsificada pela TV. Até quando?* Jornal da tarde, São Paulo, 31 de março de 1979

É importante lembrar que a tecnologia da comunicação revela objetivo que visa, num primeiro nível, a atividade comercial e, conseqüentemente, lucro para a empresa fabricante, dentro das regras da livre concorrência. Mas, representa também, possibilidades de expressão individual dos anseios particulares e coletivos do homem moderno. Nesse sentido, os sofisticados meios eletrônicos de produção estão modificando velozmente a sociedade contemporânea mundial mais avançada e, em maior ou menor escala, atingem também os países do chamado terceiro mundo. Esses processos têm se tornado possíveis pela crescente miniaturização dos chips e pela incessante descoberta de novos produtos eletrônicos. Cada vez mais eficientes e baratos. Este tem sido o caso dos satélites de comunicação, da telefonia celular, do fac-símile e do incremento das facilidades de acesso aos sistemas de computadores e bancos de dados. E também, da simplificação técnica na área do vídeo profissional e doméstico.

No cenário mundial, a diversificação tecnológica fez surgir a TV-Paga {"Pay-TV"} ; a TV por Cabos ("Cable TV"); o Circuito Fechado de TV ("Closed Circuit TV"); a TV de Baixa Potência ("Low Power- TV"); a TV-Avançada ("Advanced TV"); a TV de Alta Definição ("High Definition Television"); a Antena Mestre de Televisão por Satélites ("Satellite Master Antenna Television") e a Radiodifusão Direta por Satélites ("Direct Broadcasting Satellites"). São tecnologias que foram criadas para atender demanda por melhores serviços de comunicação. Elas têm sido adotadas em boa parte do mundo, em diferentes escalas de implantação. Poucas destas tecnologias estão projetadas para operarem em futuro próximo no Brasil. Uma delas foi implantada em São Paulo e no Rio de Janeiro. Trata-se da versão brasileira da "TV por cabos" que, em São Paulo, já conta com onze opções.

A utilização de sofisticados recursos eletrônicos pelos meios de comunicação de massa está modificando radicalmente também os hábitos e a prática do jornalismo -tradicional e eletrônico- no mundo todo. A aplicação das constantes descobertas eletrônicas direcionam a uma maior e mais intensa cobertura jornalística dos eventos ocorridos no globo. Especialmente na televisão. Isto tem levado quantidade sempre crescente de telespectadores a tomar conhecimento e a se interessar mais profundamente pelo que se passa no seu bairro, na sua cidade, no seu país e no resto do planeta, do que no passado recente. Entretanto, essa nova realidade provocou uma radical mudança na arte da produção e na elaboração de telejornais. A rapidez e a sofisticação dos meios eletrônicos alteraram o convívio do profissional do jornalismo eletrônico com novo instrumental e com a surpreendente velocidade de produção que o veículo trouxe consigo.

Por outro lado, graças justamente à existência e ao uso dos satélites de comunicação, o mundo pôde assistir, quase que instantaneamente e pela televisão, ao massacre da Praça da Faz Celestial, em Pequim, no primeiro semestre de 89. E mais recentemente, à Guerra do Golfo, corretamente chamada de "Guerra da Televisão". Na Crise do Golfo, a extensa cobertura realizada pelas principais redes norte-americanas de televisão num total de 4388 reportagens, ou 126 horas e 26 minutos⁴ revelou as novas estrelas tecnológicas na área da comunicação instantânea: as pequenas e compactas " camcorders" Hi8mm; os telefones portáteis ligados aos satélites de comunicação e os pequenos computadores de bolso (*laptops*) conectados aos computadores " mainframes" centrais das redes,

⁴ Pesquisa do Center for Media and Public Affairs, veiculada na revista *Insight on the News*, de 27 de maio de 1992, p.12

normalmente sediados em Nova York, a dezenas de milhares de quilômetros de distância⁵.

O meio de comunicação eletrônico -principalmente a televisão- depende quase que exclusivamente do aparato tecnológico para sua atuação. É fundamental reconhecer que a atividade substantiva é a participação do homem. No processo produtivo ou com integrante da massa receptora da programação das redes. A tecnologia na televisão representa o 'meio' que torna possível a comunicação. Ainda de mão única, infelizmente. O 'fim' da televisão - o conteúdo dos seus programas- é a qualidade cultural, educacional, filosófica, política, social, e por que não dizer, espiritual dos temas que trata e difunde. Os exemplos dos desvios no cumprimento desses princípios são abundantes e variadas. Sobretudo nos países periféricos, onde a mão de despóticos governantes e de inescrupulosos proprietários de meios de comunicação de massa direcionam o aparato tecnológico para o atendimento único dos seus interesses pessoais. Ou dos grupos hegemônicos que representam e integram. Este tem sido o espelho da realidade do sistema vigente no Brasil e em inúmeros outros países.

Os recursos tecnológicos

Na sociedade contemporânea, as tecnologias são variadas e oferecem extensa e diversificada linha de produtos. Para o avanço da democratização da informação e satisfação das expectativas dos telespectadores é necessário ater-se à questão da tecnologia disponível para a produção de notícias. Pois entendemos que a diversificação, a abrangência, a precisão e a qualidade das informações elaboradas é transmitidas são fortemente influenciadas pela quantidade, disponibilidade e nível de sofisticação técnico do equipamento utilizado para a sua produção.

À tecnologia de apoio existente é variada e extensa. Nesse sentido, no estudo do instrumental tecnológico disponível para a produção de notícias no jornalismo eletrônico e sua relação com a abrangência, qualidade e penetração da informação veiculada na televisão brasileira pode-se perceber que muito ainda há por fazer se o país deseja ter um padrão adequado de informação eletrônica, via televisão. A tecnologia de apoio empregada na maioria das emissoras é insuficiente para fornecer aos telespectadores da TV um maior volume e uma melhor apuração das notícias veiculadas n o s programas jornalísticos.

Podemos afirmar, com grande margem de segurança, que o sistema de televisão brasileiro não investe, nem tampouco toma a sério, a questão do aparato tecnológico. Com a ressalva às exceções de praxe. De um lado, visando facilitar o contato do telespectador com a emissora. De outro, almejando uma eficiente cobertura dos eventos. Com a irrecusável hegemonia da Rede Globo que nunca teve nos seus planos uma estratégia de interação com a audiência a população assistida, durante década, a uma programação de mão única, de cima para baixo. Dessa forma, o telespectador médio se sente desassistido no seu intento de satisfação das suas necessidade de interação e informação. Ou de entretenimento, cultura e lazer. Quando necessita comunicar-se com qualquer das emissoras, seu périplo é desgastante e nem sempre leva a alguma atitude concreta da parte das empresas. Pode-se, figurativamente, dizer que as redes de televisão têm uma postura mais como “torre de marfim, como “poder central inatingível”.

⁵ Mozzillo, P. *Exclusive CNN Baghdad war reports made possible by private phone link*. Television broadcast, vol.14, no.2, fevereiro de 1991, p.10

Entretanto, para o público, a decisão de "ficar em casa" e receber as informações veiculadas pela televisão se tornou um hábito razoavelmente arraigado na cultura do país. Pesquisa do jornal 'Folha de S. Paulo' (22 de maio de 1988) revelou que a média de exposição do paulistano à TV era de 2 horas e 50 minutos diários, durante a semana. Crescia para 3 horas e 25 minutos aos sábados e ia para 4 horas e meia aos domingos. A televisão apresenta no Brasil alguns dados expressivos:

Telejornalismo

Na procura pela informação, percebe-se dado curioso na análise das pesquisas. Em 1988, 900/o dos telespectadores da TV sintonizavam o "Jornal Nacional" da Rede Globo justamente porque achavam 'fácil entendê-lo'. Na ocasião, o telejornal tinha 84% das preferências quando comparado com os concorrentes.

Outros dados sobre o 'Jornal Nacional': 44% achavam as informações 'muito confiáveis'; 47%, 'pouco confiáveis' e, somente 6%, disseram 'nada confiáveis'. O "Jornal Nacional" tinha ainda naquela data: a maior audiência entre os paulistanos com baixa escolaridade: 59% têm até o 1o grau; as mulheres são maioria: 62%. 67% têm mais de 40 anos; 42% acham que o programa fala bem do governo; 59% acham que ele dá mais espaço aos empresários e, 59% acham que ele dá mais espaço às autoridades⁶.

Dados recentes sobre o telejornalismo mostram que as 4 principais redes brasileiras apresentam 3.465 minutos (58hs e 15 m) por semana, na cidade de São Paulo, com "puro jornalismo". As outras emissoras apresentam mais 1.830 minutos por semana (30hs e 50m). Em outros tipos de jornalismo (agricultura, negócios, ecologia etc.) elas produzem mais 7.640 minutos (127 hs e 33 m) por semana. Isso representa uma média de mais de 18 horas diárias com algum tipo de programa de informação na TV hoje em São Paulo⁷. Mário Cesar Carvalho revela que atualmente é "um dia, 3 horas e 4 minutos de programas jornalísticos diários na TV". E arremata: "nos últimos cinco anos, as emissoras aumentaram em 35% a carga horária de noticiários. As novelas, em compensação, caíram de 9 horas e 10 minutos para 7 horas e idênticos 10 minutos no mesmo período. Em números redondos, são 50 programas jornalísticos hoje contra 39 em 1987⁸.

Mas, infelizmente, esse crescimento não representa diversificação do noticiário. Uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro pela Ibase e pela Faculdade de Comunicação Hélio Alonso demonstrou que o telejornalismo de todas as redes segue um mesmo padrão de notícias: dão praticamente um mesmo peso, espaço e tempo para os mesmos temas⁹

Essa inacreditável coincidência de pautas revela que todos os Departamentos de Jornalismo podem estar se municiando nas mesmas oficiais e conhecidas fontes. Na televisão, por várias razões, sobretudo as justificativas econômicas, os princípios adequados a uma prática jornalística não encontram eco no sistema empresarial vigente no setor. O que reflete diretamente na produção do noticiário na televisão brasileira. Vejamos alguns exemplos da carência tecnológica comuns à maioria das emissoras:

⁶ Conforme matéria na FSP-10.07.88-p.D1

⁷ Revista Imprensa no. 57, maio/junho de 1992, p.5

⁸ Carvalho, M.C. *Notícia vira estrela*. Folha de S.Paulo, 31 de maio de 1992, p.5

⁹ Souza, H. de. *A TV do país das maravilhas*, Imprensa, março de 1992, p.17

- a) Uma tecnologia não tão jovem, mas fundamental para o conhecimento dos fatos e para o acesso à informação é o já "maduro" *telefone*. Contextualizando e comparando. O sistema mundial contava em 89, com mais de 650 milhões de linhas telefônicas. O Brasil, ocupava na ocasião, uma não tão honrada 35^a. posição no cenário internacional, com o índice de 9 aparelhos para cada 100 habitantes. No Brasil, uma linha telefônica ainda é muito cara. Ela já chegou a custar até 2 vezes o preço de um PC. Hoje, o programa brasileiro de telefonia vive situação grave: são necessários 4 bilhões de dólares para colocar o sistema em condições saudáveis. O governo não está disposto nem tem condições de fazer investimento de tal porte.

Dessa forma, o telefone, instrumento extremamente importante para o acesso à informação, ao conhecimento dos fatos e para as reclamações dos cidadãos, de um lado, e de outro, para a checagem das notícias pelos profissionais tem dado pouca, ou mesmo, mínima contribuição para o incremento da informação na sociedade e na televisão brasileira.

No caso das emissoras locais e mesmo nas afiliadas regionais das grandes redes, é comum um único aparelho de telefone servir à equipe inteira de produção dos telejornais. De outro lado, é frequente uma ligação com denúncia de algum telespectador ficar parada na telefonista. Em muitos casos, não é possível checar uma informação pois não existe linha disponível. Nesse caso, a informação vai ao ar da forma como foi "vendida" à emissora.

- b) Outra tecnologia essencial para o acesso à informação é o também já conhecido aparelho de telex. Em 1986 estavam instalados 1,4 milhões de terminais no mundo e no Brasil existiam 76 mil aparelhos naquela época. Em 89, esse número alcançou 135.400 terminais instalados no Brasil. O telex sempre teve papel de honra no processo da produção de notícias na televisão do país. As principais emissoras têm assinatura dos serviços internacionais e a maioria assina os serviços nacionais. Entretanto, como as emissoras locais têm delegado a tarefa da cobertura dos fatos internacionais para as sedes "cabeças-de-rede", não têm se prontificado a adquirir aparelho de telex que poderia receber também -se feita a assinatura- os serviços das agências de notícias nacionais.

c) O *videotexto* chegou a entusiasmar setores do empresariado no país. Foi implantado em abril de 85, com a tecnologia francesa Antiope. O sistema não conseguiu ir em frente com sucesso, devido ao alto custo do "modem". E também pela realidade econômica brasileira, que não possibilitou os investimentos necessários ao setor. Encontra-se parado e sem investimentos que denotem crescimento. Poucas empresas jornalísticas investiram no sistema. As mais importantes são o OESP e a Rede Globo. Esta é uma tecnologia que muito poderia fazer no processo da "difusão ponto-a-ponto" das notícias que -em última instância- interessariam à audiência.

d) O *teletexto* é outra possibilidade proporcionada pela moderna comunicação. Tem sido usado pelas empresas de televisão, mas encontra dificuldades para maior expansão por causa dos altos custos do decodificador. No Brasil, a primeira empresa de televisão a empregar o sistema foi a Rede Brasil Sul de Televisão, de Porto Alegre, em 1987.

e) A *TV por Cabos* faz sucesso nos EUA. No Brasil, é praticamente impossível vê-la instalada nos moldes tradicionais por causa dos altíssimos custos de implantação necessários. O que se vê no país -sobretudo na cidade de São Paulo- é a utilização do

espectro de onda em UHF para a difusão de programas das novas emissoras de TV. No caso do aumento e da diversificação do noticiário não se percebe planos inovadores dos concessionários desses sistemas.

f) *Automatização das redações.* A automatização dos Departamentos de Jornalismo nos EUA era de 35% em 1989 e alcançou 50% em 1990. No Brasil, a única rede que aplicou dinheiro na área foi a Rede Globo. Para José Luis Vieira de Oliveira, “um total de 135 terminais em rede centralizada num par de computadores VAX possibilita o controle do noticiário, não apenas pela Central Globo de Jornalismo, mas também pela alta administração da emissora”¹⁰. Encontram-se automatizadas as sucursais de São Paulo e Brasília e a sede da rede no Rio de Janeiro. Estão em processo de implantação os sistemas de Belo Horizonte, Recife e Brasília. No Rio de Janeiro estão conectados ao computador central, 83 terminais de serviço. Em São Paulo, 36 e 16 em Brasília. O sistema é idêntico aos adotados pelas redes nos EUA e é um grande arquivo de textos. “Na realidade, desempenha uma série de funções e chega a dispensar o uso de telefones internamente para a comunicação entre editores, repórteres e outros setores da empresa com acesso ao sistema... O sistema incorpora agendas de telefones por setores... mas o coração do sistema... é o diretório Jornais, que dá uma visão completa do que irá ao ar, com detalhamento do tempo disponível para cada matéria e que permite alterações até o último instante...”¹¹

Entretanto, nas demais redes e emissoras, o exemplo mais gritante é o da insuficiência quase total de equipamentos próprios ao trabalho de captação, edição e acabamento de notícias. Na maioria das emissoras -mesmo na cidade de São Paulo- é comum o equipamento encontrar-se quebrado, desatualizado e, via de regra, congestionadamente ocupado. Isso se tornou quase uma regra quanto às câmeras, aparelhos de videotape, material de iluminação, ilhas de edição, fitas de arquivo e até na qualidade do transporte existente para as equipes de externa. No cenário médio do jornalismo eletrônico do país é possível afirmar que faltam para os Departamentos de Jornalismo fontes de textos com informações históricas e equipes para a realização de ilustrações (inacreditavelmente inexistentes num veículo com clara predominância visual como a televisão). Mas sobretudo, ilhas de edição, arquivos de imagens eficientes e mesmo, aparelhos para a comunicação com as unidades externas.

Outra delicada questão é aquela referente à estabilidade, condições de trabalho e remuneração dos recursos humanos que atuam na área. São frequentes as ondas de demissão e " enxugamento" dos Departamentos de Jornalismo. É comum também o trabalho em excesso -realizado além da carga definida pelos Sindicatos da categoria- impossível de ser recusado, pois o profissional enfrenta sempre a ameaça da sumária demissão e tem que se submeter às imposições da empresa.

O telejornalismo é uma atividade extremamente estressante e nervosa. O que naturalmente provoca desgaste excessivo das condições físicas e psíquicas dos jornalista e radialistas. No panorama nacional não é raro os trabalhadores exercerem suas atividades sem as mínimas condições de conforto climático ou sonoro. E mesmo sem a existência adequada de móveis (mesas e cadeiras) e máquinas de escrever. Poderá parecer exagero lembrar que deveria existir também preocupação quanto às características ergonômicas

¹⁰ Oliveira, J.L.V. *Um sistema estratégico para o telejornalismo da Globo*, 1992, p.16

¹¹ Idem, p.16-17

do mobiliário, equipamento e local de atuação do profissional. Visando a saúde do trabalhador, acreditamos que deveria existir regulamentação própria para a perfeita adequação do homem à máquina (e vice-versa). Essa tomada de posição existe hoje e é uma conquista trabalhista em muitos países estrangeiros.

Dessa forma, apesar da preferência do público e da enorme importância da televisão na sociedade brasileira muito ainda há por ser conquistado se o setor pretende acompanhar a velocidade do desenvolvimento tecnológico experimentado nas redes fora do país. Para efeito de comparação, um dado revela a dimensão e a distância que separa a Rede Globo (e, sobretudo, todo o resto do jornalismo eletrônico do Brasil) de qualquer uma das redes de televisão dos EUA. A NBC, por exemplo, tem orçamento para o jornalismo de 300 milhões de dólares por ano. A mesma área na Rede Globo recebeu, em 1988, somente 50 milhões de dólares. Nesse sentido é acertado afirmar que a Rede Globo é capaz de fazer um bom trabalho se for comparada às concorrentes nacionais. Que investem infinitamente menos do que isto no jornalismo. Mas, dificilmente poderá realizar um trabalho competitivo, do ponto de vista da cobertura internacional, se inserida no cenário global. A rede Globo tem 2 escritórios no exterior, nas cidades de Nova York e Londres. No total, eram 884 funcionários (jornalistas e radialistas) nos seus Departamentos de Jornalismo.

A televisão no Brasil carece de investimentos de infraestrutura tecnológica de peso. A pobreza dos recursos visuais coloca o sistema brasileiro de televisão em triste nível, se comparado com os sistemas existentes nos países desenvolvidos. No telejornalismo praticado nos Estados Unidos, por exemplo, os produtores se preocupam exaustivamente com a qualidade visual da informação oferecida nos noticiários. Assim, nenhuma emissora mesmo as mais inexpressivas ousa colocar seu sinal no ar sem o auxílio de algum tipo de equipamento de computação gráfica (que nas versões mais simples, pode custar até 15 mil dólares). No Brasil, são poucas as redes que têm se preocupado de forma honesta com essa questão. No caso das regionais e locais, a situação é, inclusive, de desconhecimento e indisposição no investimento de qualquer quantia para adquirir essa tecnologia. A média do empresariado do setor vê no veículo unicamente possibilidade de favorecimento político de si próprio ou de seus amigos e possibilidade de retorno financeiro imediato do investimento realizado. Outra conclusão da recente pesquisa da Imprensa revela que “o telejornalismo brasileiro informa preponderantemente sobre o que interessa aos grupos dominantes: governo, empresas, inflação e notícias internacionais”¹²

Mas, apesar do reconhecimento do alto valor do padrão tecnológico implantado no Brasil pela Rede Globo é necessário lembrar na área do noticiário o seu principal programa, o telejornal “Jornal Nacional”, apresentou a primeira participação internacional " ao vivo" dentro do mais importante noticiário da televisão brasileira só com a renúncia da Primeira-Ministra inglesa Margareth Thatcher, dois anos atrás. A segunda oportunidade aconteceu às vésperas da visita do Presidente Bush a Buenos Aires. Na ocasião, alguns 'carapintadas' tentaram novamente sublevar-se e a Globo novamente deslocou equipe e realizou entrada " ao vivo", em "tempo real" no Jornal Nacional. As demais emissoras de televisão não revelam intenção de seguir este ato isolado da Globo. Elas inclusive, têm investido, poucos recursos em escritórios e pessoal no exterior. Anos luz distantes das suas congêneres norte-americanas. Tudo isso, por causa de recusa dos empresários da televisão que não se dispõem a bancar os custos de equipes e aluguel de satélites fora do país. Quer dizer, as redes brasileiras oferecem um jornalismo internacional limitado aos

¹² Souza, H. Op. cit., p.18

controlados recursos das sucursais das poucas que mantêm equipes no exterior. Ou estão praticando o jornalismo “padronizado e asséptico” das também poucas agências de notícias em vídeo existentes.

Com relação ao noticiário internacional, uma pesquisa revelou que “das 3715 matérias publicadas nas páginas de editoria internacional dos quatro principais jornais selecionados (JB, OESP, Folha de S.Paulo e O Globo), 71% (ou 2633 notícias) tiveram como fonte as agências estrangeiras, principalmente aquelas ligadas aos países do 1º. Mundo, como a UPI e a AP (norte-americanas), AFP (francesa) e Reuters (britânica). Ao mesmo tempo, os textos produzidos pelos correspondentes e enviados especiais dos quatro diários ocuparam respectivamente 8,4% e 5,3% do noticiário, o que ... significam 312 matérias de correspondentes e 198 de enviados especiais brasileiros”¹³

Este é em um panorama geral da realidade do veículo no país. Muito caminho ainda há para percorrer para que a televisão possa atingir estágio adequado no cumprimento da tarefa de democratizar a informação e bem informar a população. A eficiência da linguagem narrativa e da plástica cinética de vários produtos da Rede Globo levaram alguns formadores de opinião no país a aceitarem a ideia -e a difundirem- de que a televisão brasileira ocupa um honroso 4º. lugar mundial na área. As telenovelas brasileiras da Rede Globo fazem sucesso em mais de 100 países e isso, unicamente devido ao profissionalismo videográfico e à competência comercial da empresa de Roberto Marinho.

Com raras exceções, as restantes redes nacionais e regionais transitam entre o questionável gosto e a improvisação total. Uma exceção que o país acompanha com carinho acontece no Rio Grande do Sul, com a RBS-Rede Brasil Sul. Entretanto, a realidade interna dos Departamentos de Jornalismo das emissoras e redes indica que é necessário que os empresários redefinam a política de investimento valorizando mais o telespectador e o profissional que ali atua. Pois, na maioria delas os recursos, mesmo os mais elementares como máquinas de escrever e linhas telefônicas ainda são precários, insuficientes e ineficazes. A afirmação também é válida se o foco forem os recursos eletrônicos, tais como câmeras, equipes de externas e ilhas de edição. Que, na maioria das vezes, são em número insuficientes, estão completamente desatualizados ou sobrecarregados pelo uso maciço. No caso específico do jornalismo eletrônico, mesmo no maior centro econômico do país, as emissoras ou redes existentes na cidade de São Paulo, esta realidade é cruel e revela que muitos jornalistas trabalham em escassas e inapropriadas condições técnicas e, além disso, têm que realizar trabalho acima do turno normal diário, justamente para terminar suas tarefas e garantir emprego.

Mas, não só a parte tecnológica é importante. É comum a opinião de empresários e jornalistas que afirmam que a Universidade não cumpre o seu papel, não oferecendo a necessária formação aos alunos. As redes e emissoras deveriam ter um relacionamento mais íntimo com as escolas, a exemplo do que acontece em outros países, sobretudo nos Estados Unidos. Seus profissionais poderiam atuar como professores, consultores, enfim, pessoas que pudessem trazer para a Universidade um pouco das suas inquietações e, de maneira especial, seus pontos de vista sobre a forma como essa educação deveria ser ministrada. Se o estágio é proibido visando os abusos empresariais do passado, e nada tendo sido colocado no seu lugar, resta a crítica e o pouco caso com a formação do pessoal

¹³ Moreira, S.V. *O mundo que o Brasil consome*. Revista De Comunicação, ano 8., no.8, p.8

iniciante. Resta ressaltar que a missão da Universidade deveria ser a de estar pesquisando os principais temas da sociedade, buscando compreender seus fenômenos e projetando soluções para as suas necessidades. Num país com sérias deficiências, como é o caso do Brasil, com economia instável, altas taxas de evasão escolar, dificuldades profundas no sistema do ensino público é de se prever que a população se distraia e se informe assistindo aos programas de televisão. E elimine, por outro lado, a informação escrita do seu dia a dia. Mas, o cidadão comum não vê sua realidade espelhada no noticiário da TV. A conclusão do sociólogo Herbert de Souza é a de que “no Brasil, no telejornalismo, a sociedade civil quase não existe. Aqui não existe negros, índios, questão feminina, organizações não governamentais, igrejas”¹⁴.

Os estudos na área do jornalismo eletrônico da televisão brasileira ainda são escassos e, na maioria das vezes, apresentam enfoque onde as conceituações ideológicas têm preferência, descartando, muitas vezes, uma análise mais aproximada ao veículo. A televisão no Brasil, é possível dizer, tem recebido pouca atenção dos pesquisadores. Se torna fundamental conhecer melhor a estrutura gerencial e editorial dos diferentes processo telejornalísticos. Do contrário, poderá acontecer no Brasil o que o jornalista Marcelo Coelho chamou de “TV do 4º. Mundo” ao analisar os recentes direcionamentos do telejornalismo brasileiro com a chegada do questionável “Aqui Agora”, do SBT. Para Coelho, “toda a baixaria do ‘Aqui Agora’ só nos espanta porque, mesmo com toda a ruindade da televisão brasileira, não estávamos acostumados a ver nesse horário um tipo de coisas que faz parte do mais banal cotidiano ideológico das classes C e D”. é possível que surjam defensores do programa, com argumentos de que a televisão estará somente e tão somente revelando os podres da realidade social. Entendemos que a televisão tem também como missão abordar, revelar e tratar em toda sua dimensão as lamentáveis dificuldades sociais. Mas, seguramente, a solução não está na exploração sensacionalista que as re3des têm dado ao assunto. Acompanhando o jornalismo eletrônico, é fácil perceber que houve uma guinada em direção ao jornalismo sensacionalista inclusive no ‘Fantástico’, que passou a tratar mais de assuntos ligados aos crime, violência e mortes nos domingos à noite em todos os canais. O exemplo que mais radicaliza essa tendência é o programa ‘Cadeia Nacional’, de Luiz Alborghetti agora em rede nacional, uma inaceitável sessão histórica da mais baixa agressão ao bom senso e, de incentivo ao desrespeito aos direitos humanos de valorização da violência policial. Para Luis Antonio Giron, “Cadeia é contra o sistema, os intelectuais e a ecologia. Defende a pena de morte. Ele (Alborghetti) parece um estalinista ou um fascista fanático, falando em nome dos trabalhadores e da justiça social”¹⁵. É nesta direção que deverá caminhar o jornalismo eletrônico do país?

A produção de conhecimento também é pequena, do ponto de vista da história das organizações de televisão e de seus projetos jornalísticos. Estudos em profundidade, que revelem esses cenários, tornam-se importantíssimos e oportunos devido à fantástica influência e abrangência territorial do meio. E, sobretudo, reflexões democráticas profundas e uma legislação amplamente discutida de concessão e controle da programação dos canais. Que, no fundo, pertencem à população brasileira.

São Paulo, 1992

¹⁴ Idem, idem

¹⁵ Idem, idem.

